

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

**TIAGO COELHO PORTO ROCHA**

**VIOLÊNCIA E JIU-JITSU NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

UBERLÂNDIA  
2006

TIAGO COELHO PORTO ROCHA

# **VIOLÊNCIA E JIU-JITSU NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Monografia de Graduação em História  
apresentada como requisito parcial para  
cumprimento dos créditos da disciplina  
**Monografia II**, desenvolvida sob orientação  
da **Profª. Drª. Josianne F. Cerasoli**, do  
Instituto de História.

UBERLÂNDIA  
2006

**TIAGO COELHO PORTO ROCHA**

# **VIOLÊNCIA E JIU-JITSU NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Monografia de Graduação em História  
apresentada como requisito parcial para  
cumprimento dos créditos da disciplina  
**Monografia II**, desenvolvida sob orientação  
da **Profª. Drª. Josianne F. Cerasoli**, do  
Instituto de História.

## **Banca Examinadora**

Profª. Drª. Josianne Francia Cerasoli (orientadora) \_\_\_\_\_

Profª. Drª. Dilma Andrade de Paula \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Após cinco anos no curso de graduação e licenciatura em história, na Universidade Federal de Uberlândia, mais de cinco anos praticando jiu-jitsu e dois anos de judô, devo manifestar minha gratidão.

Agradeço a todos os colegas de curso, companheiros de treinos de ambas as artes e alunos de jiu-jitsu que colaboraram para a realização deste trabalho, seja pelos momentos de descontração, sugestões ou discussões.

Aos meus pais, Sr. Antonio Carlos Porto Rocha e Sra. Edna Coelho Porto Rocha, que foram os meus principais incentivadores e financiadores dos meus estudos.

Ao professor de jiu-jitsu Elan Santiago, pelas técnicas e ensinamentos tanto da referida arte como de vida.

E de forma especial à professora Josianne, pela inestimável orientação e disposição para as discussões. Seu rigor teórico e crítico contribuíram imensamente para meu amadurecimento como pesquisador.

À todos vocês o meu muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho focaliza a questão da violência urbana e sua relação com o jiu-jitsu na sociedade contemporânea. Esta associação do jiu-jitsu com a violência é um problema enfrentado pelos verdadeiros atletas, praticantes e principalmente professores da arte marcial, pois é uma barreira a ser vencida para o processo de implantação do jiu-jitsu e profissionalização dos atletas que vivem para o esporte.

Uma das questões do trabalho é entender a violência dos “pit boys” – denominação também associada a praticantes de jiu jitu, como veremos –, contribuindo para um melhor entendimento sobre as práticas destes novos agentes na sociedade contemporânea, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro.

Após minhas pesquisas sobre a história do jiu-jitsu e sua divulgação no mundo e Brasil, percebi que os divulgadores do esporte utilizaram de desafios clandestinos para divulgar a “arte suave” (significado da palavra japonesa: jiu-jitsu). Buscando desconstruir os estereótipos, construídos pela mídia, de que as práticas de violência na cidade do Rio de Janeiro são frutos somente da pobreza. Quando iniciei minha pesquisa percebi que não há uma historiografia sobre o jiu-jitsu e fui encontrar na literatura sobre o judô a origem e história do jiu-jitsu. Os primeiros registros da origem do jiu-jitsu são do Japão e foram escritos pelos judocas que se preocuparam em registrar a história da arte mãe do judô, o jiu-jitsu.

No primeiro capítulo será realizada uma análise das interpretações dos judocas e dos praticantes de jiu-jitsu acerca da história e origem do jiu-jitsu e judô, como foi a divulgação e implantação das respectivas artes no mundo, antes de chegar ao Brasil, trazido pelo japonês Mitsuyo Maeda. No segundo capítulo uma análise do jiu-jitsu no Brasil (divulgação e implantação realizada pela Família Gracie), relação do Jiu-Jitsu e Vale-tudo e dilemas do jiu-jitsu no Brasil. No terceiro capítulo faço uma análise crítica das práticas esportivas na sociedade, análise histórica de construção dos pit boys, uma comparação da imagem do jiu-jitsu e judô na imprensa escrita (Folha de São Paulo).

Palavras-chave: violência, jiu-jitsu e judô.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| O jiu-jitsu como tema: o pesquisador e seu objeto..... | 06 |
|--------------------------------------------------------|----|

## Capítulo I:

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| Problemas de leitura e significados históricos do jiu-jitsu e judô..... | 13 |
|-------------------------------------------------------------------------|----|

1. Análise da história das respectivas artes
2. A chegada do jiu-jitsu ao Brasil

## Capítulo II:

|                                                      |    |
|------------------------------------------------------|----|
| Divulgação e implantação do jiu-jitsu no Brasil..... | 20 |
|------------------------------------------------------|----|

1. A atuação da família Gracie
2. Relação jiu-jitsu e vale-tudo e as correntes do jiu-jitsu no Brasil
3. Dilemas dos atletas de jiu-jitsu no Brasil

## Capítulo III:

|                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------|----|
| Esportes, imprensa e violência na sociedade contemporânea..... | 31 |
|----------------------------------------------------------------|----|

1. Análise crítica das práticas esportivas na sociedade contemporânea
2. Imagens do jiu-jitsu e judô na mídia impressa
3. Os “pit boys” e atletas de jiu-jitsu

|                           |    |
|---------------------------|----|
| Considerações finais..... | 45 |
|---------------------------|----|

## INTRODUÇÃO

### O JIU-JITSU COMO TEMA: O PESQUISADOR E SEU OBJETO

Gostaria de iniciar minha justificativa de escolha do tema pelo fato de haver um envolvimento pessoal com o assunto, uma vez que tenho me dedicado à arte marcial do jiu-jitsu desde 2000. A partir do ano de 2004, venho atuando como instrutor e competidor da referida arte. Entretanto, para além do meu envolvimento direto, é preciso destacar uma séria questão que tem afetado tanto a prática como a imagem dessa arte, também classificada como esporte. Refiro-me diretamente à questão da violência urbana e sua relação com o jiu-jitsu na sociedade contemporânea.

O meu envolvimento com o referido esporte pode interferir em uma análise historiográfica, mas acredito que devido minha formação no curso de história consegui certo distanciamento ao fazer uma análise crítica do jiu-jitsu e das ações de alguns de seus praticantes.

Quando iniciei nas aulas de jiu-jitsu, percebi que alguns dos meus colegas de treino praticavam atos de violência contra diferentes indivíduos nas ruas e casas noturnas da cidade de Uberlândia, sempre durante a noite e madrugadas nos fins de semana. Algumas questões me inquietaram, pois não conseguia entender os motivos de tais agressões. Por que meus colegas de jiu-jitsu, em geral jovens de classe média, agrediam outras pessoas sem motivos? Assim surgiu a problemática do meu tema de monografia.

Ao fazer uma análise das matérias publicadas entre os anos de 1994 e 2004, nos arquivos do Jornal *Folha de São Paulo*, observei que algumas matérias reportam a agressões empreendidas; em sua maior parte, são homens brancos de classe média que lançam mão da violência física, contra policiais, seguranças, travestis, prostitutas e freqüentadores das casas noturnas da zona sul da Cidade do Rio de Janeiro, segundo o jornal. Entre estes agressores encontravam-se lutadores de jiu-jitsu, muitas vezes sublinhados pelas narrativas do periódico, e isso fez com que a imprensa ligasse diretamente os atos e atores envolvidos com a natureza do jiu-jitsu, de maneira a classificar o esporte como violento.

Algumas questões devem ser levantadas a respeito da prática de violência alheia contra pessoas que vivem na noite. Por que os jovens de classe média alta, que em geral não possuem problemas financeiros, praticam violência contra os indivíduos por motivos aparentemente inexpressivos e até sem motivos? Por que o jiu-jitsu foi escolhido como arte

marcial destes jovens agressores? Será que podemos justificar a violência na sociedade contemporânea somente pela pobreza? Haveria alguma associação entre essa agressividade supostamente advinda do jiu-jitsu e a trajetória de inserção do mesmo no ocidente, especialmente no Brasil? Por que os agressores teriam priorizado determinados grupos da sociedade como vítimas de suas ações? Até que ponto as características do jiu-jitsu, sua inserção na sociedade e os discursos da imprensa afetariam tais práticas violentas dessa arte marcial? São algumas questões que motivam este estudo.

Ao pesquisar sobre a história do jiu-jitsu foi necessário consultar a historiografia do judô, pois este, além de ter sido criado a partir das técnicas de jiu-jitsu, possui uma literatura mais vasta. Assim surgiram novas questões: por que o judô, mesmo sendo mais novo que o jiu-jitsu, tornou-se um esporte olímpico e o jiu-jitsu não? Por que o jiu-jitsu, mesmo sendo uma arte mais antiga que o judô, não tem uma historiografia tão vasta? Por que não se encontra normalmente na sociedade em geral uma associação direta entre judô e violência?

Podemos perceber esta dicotomia entre as artes marcial nas próprias matérias do **Jornal Folha de São Paulo**, de 11/04/2004.

#### Brigas na classe média datam dos anos 50:

Casos de brigas entre jovens de classe média ou média alta não são privilégio dos dias atuais. Elas existem há tempos e voltaram a se intensificar na última década.

No fim dos anos 90, professores de jiu-jitsu ficaram estigmatizados como incentivadores da violência. Uma série de confrontos envolvendo lutadores de academias rivais ganhou destaque e ajudou a criar o estereótipo do jovem de classe média, musculoso, brigão e preconceituoso...<sup>1</sup>

Esta matéria exemplifica como os lutadores de jiu-jitsu têm construído sua imagem dentro da sociedade carioca e como as brigas se intensificaram na década de 90 e início de 2000. Ao contrário do judô que tem construído uma imagem de arte marcial que disciplina e moraliza os seus praticantes. A matéria a seguir, do mesmo jornal, respectivamente em 18/04/2004 e 31/08/2004, evidenciam essa diferenciação:

#### Investimentos de multinacional em judô

A Coca-Cola, uma das parceiras do COB, é um exemplo prático da reclamação das agências. A multinacional diz não ter sido procurada pelo comitê para negociar um acordo para Atenas.

---

<sup>1</sup> BRIGAS NA CLASSE MÉDIA DATAM DOS ANOS 50. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 abr. 2004. Caderno Cotidiano, p. C8;

Segundo Claudia Calafarro, diretora de marketing da empresa, foi a companhia que tomou a iniciativa de conversar com Carlos Arthur Nuzman e Leonardo Gryner, diretor da Olympo, a agência de marketing do COB. "Nós os procuramos logo depois de Sydney [Olimpíadas de 2000]. As conversas demoraram, mas chegamos a uma solução boa. Como queríamos diversificar os investimentos, não ficando restritos ao futebol, resolvemos fazer aporte de um x e dividi-lo entre três confederações. Se fôssemos dar para todas, sobraria pouco para cada uma."

Parceira do Comitê Olímpico Internacional desde 1928, a multinacional reservou R\$ 2,1 milhões para premiar atletas brasileiros nos Jogos. Investiu ainda R\$ 1,8 milhão em três confederações judô, triatlo e ginástica.<sup>2</sup>

#### Raiz nipônica ainda impulsiona o judô. Filosofia do judô serve de atrativo para os pais

Da seleção que competiu na Grécia, apenas 3 dos 12 integrantes têm ascendência japonesa.

Além da ampliação do leque de opções, outro fator que permitiu a popularização foi a filosofia. *O judô deixa o aluno mais disciplinado. E isso é um chamariz para os pais*, aponta Mario Tsutsui.<sup>3</sup>

Ao analisar as três matérias acima sobre o jiu-jitsu e judô, podemos perceber duas situações diferentes de duas artes marciais de origem oriental que coexistem na sociedade contemporânea. Pela matéria do jiu-jitsu, podemos perceber que a violência foi associada à arte marcial, enquanto as outras duas matérias mostram como o judô tem uma imagem de boas possibilidades de investimento e de atrativo para o país das crianças, pela sua filosofia e disciplina. Porque esta diferença entre a construção histórica das duas artes? Por que uma é associada à violência e a outro é vista como esporte de disciplina, formação moral e filosófica? Qual a relevância da enorme quantidade de matérias de ambas as artes no arquivo do Jornal Folha de São Paulo, mais especificamente as concernentes ao jiu-jitsu?

A violência urbana é um problema enfrentado pela sociedade contemporânea e tornou-se hoje um tema de debate nacional. Sua prática sempre ocorreu tanto no campo como nas cidades, assumindo formas específicas conforme o momento histórico e atingindo as diferentes camadas sociais, principalmente as subalternas. Praticada pelos agentes do Estado, pelos grupos dominantes, por bandidos comuns, ela sempre deixou cicatrizes profundas em suas vítimas e familiares.

<sup>2</sup> ASSUMPÇÃO, João Carlos; et al; Investimentos de multinacional em judô. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 abr. 2004. Caderno Esporte, p. D5.

<sup>3</sup> OHATA, Eduardo; ITOKAZU, Fernando; Raiz nipônica ainda impulsiona o judô. Filosofia do judô serve de atrativo para os pais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 ago. 2004, Caderno Especial, p. E5.

No final da década de 60 e início de 70 a mídia começou a dedicar mais atenção à violência urbana, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Devido a violência política do governo ditatorial, e a época do auge do “esquadrão da morte”.<sup>4</sup>

Em toda a década de 70 ocorreram assaltos, extermínios, tráfico de drogas, homicídios, chacinas praticados tanto por policiais como por bandidos e pessoas comuns, multiplicaram-se em uma proporção assustadora. Na década de 80, mesmo após o fim da ditadura militar e com a restauração do processo democrático houve um aprofundamento dessa violência na sociedade brasileira.

O sentimento de medo e perplexidade da população brasileira, diante da brutalidade e crueldade das práticas de violência, cresceu durante toda a década de 90. Pois estas práticas desenrolam-se dramaticamente e são cada dia mais freqüentemente no cotidiano da população brasileira. Essa violência praticada por policiais, bandidos ou gangues, atinge na maioria das vezes os moradores dos bairros de periferia dos grandes centros urbanos.

Ao pesquisar nos arquivos do jornal Folha de São Paulo, percebi que o problema da violência urbana também começou a atingir os moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, a partir de meados da década de 90. Violência praticada por homens brancos de classe média.

De acordo com esta autora:

A primeira impressão é que vítimas e matadores encerram-se em universos distintos, com sociabilidades estanques, nos quais qualquer arbítrio ou agressão torna-se possível pelo simples fato de os agressores não reconhecerem em suas vítimas seres humanos como eles, fazendo delas meros receptáculos da onipotência, ódios e frustrações.<sup>5</sup>

Várias discussões e sugestões são feitas na tentativa de prevenir ou coibir o aumento da violência nas cidades brasileiras. São exigidas, por parte da sociedade, medidas para punir as ações ilegais e arbitrárias tanto de policiais como de bandidos e gangues.

---

<sup>4</sup> O "esquadrão da morte" foi formado originalmente, em fins dos anos 50, no Rio de Janeiro. Seus integrantes eram policiais da polícia civil e, no início, tentaram justificar sua ação homicida como uma verdadeira missão de limpeza da sociedade de criminosos indesejáveis. Mas, gradativamente, os membros do esquadrão envolveram-se com quadrilhas de criminosos, grupos de extermínio e delitos de todos os tipos. Em 1968, o "esquadrão da morte" passou a atuar na cidade de São Paulo. Cf. COSTA, Márcia Regina da. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira? **São Paulo em Perspectiva**. Oct./Dec. 1999, vol.13, n.4, p.3-12. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000400002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400002)>. Acesso em: 02 jan. 2006.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 4.

Existem diferenças entre a violência praticada por ladrões, gangues e cidadãos "acima de qualquer suspeita", e com certeza existem entre estes diferentes agentes da violência urbana alguma articulação e pontos em comum.

De acordo com o autora

[...] a violência presente na realidade brasileira articula-se com os efeitos perversos do processo de mercantilização capitalista levado ao extremo, que destrói qualquer valor ou norma social não relacionado com a ideologia do lucro fácil e da busca da satisfação imediata do desejo de consumir.<sup>6</sup>

Mas como podemos perceber que a violência praticada pelos ditos “pit boys” não têm uma relação direta com o processo de mercantilização e consumismo imposto pelo sistema capitalista, pois estes “pit boys” na maioria das vezes são indivíduos sem problemas financeiros e não cometem os atos de agressão com a intenção de lucrar ou roubar suas vítimas.<sup>7</sup>

Neste sentido a pesquisadora Alba Zaluar<sup>8</sup>, na apresentação do livro da Fátima Cecchetto,<sup>9</sup> dá uma contribuição, através de comentários sobre suas pesquisas sobre violência, cultura e poder. Buscando desconstruir os estereótipos, construídos pela mídia, de que as práticas de violência na cidade do Rio de Janeiro são frutos somente da pobreza. Buscou entender o “caráter organizado da criminalidade contemporânea” no tráfico de drogas e contrabando de armas tanto no Brasil como na Itália, onde surgiu durante o século XIX, resultado das [...] *mudanças históricas que provocaram hibridismos culturais, rearranjos da propriedade fundiária e jogos políticos complexos.*<sup>10</sup>

Mostra como a criminalidade se organiza em uma rede que passa a mobilizar, não só pequenos delinquentes, mas máfias de outras nacionalidades e membros das mais diversas classes. Como a impunidade ainda faz presente, pois [...] *os mecanismos mafiosos se consolidam e se tornam autônomos na lógica da proteção/extorsão.*<sup>11</sup> Ao analisar as matérias

<sup>6</sup> COSTA, Márcia Regina da. Op. cit. p. 5

<sup>7</sup> O termo “pit boys” foi criado em 1999 por dois jornalistas do Jornal “O Globo” (Tom Leão e Carlos Albuquerque), eles faziam uma reportagem sobre a violência nas boates do Rio de Janeiro: homens que agrediam mulheres para conseguir beijá-las. Mas quando o termo caiu em domínio público começou a seu uso de maneira equivocada, e atualmente em todo o país é usado para denominar os jovens brigões. Cf.: LEÃO, Tom; ALBUQUERQUE, Carlos. Os criadores do termo “pitboy”. In: **Gracie Magazine**. Rio de Janeiro, jan. 2005, p. 58.

<sup>8</sup> ZALUAR, Alba. Apresentação. In: CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>9</sup> CECCHETTO, Fátima Regina. Op. cit.

<sup>10</sup> ZALUAR, Alba, Op. cit. p. 8

<sup>11</sup> Ibidem, p. 13.

de jornais percebi que a impunidade também está presente nas resoluções dos crimes praticados pelos “pit boys”, pois não são indivíduos de baixa renda.

O livro **Violência e estilos de masculinidade**, de Fátima Regina Cecchetto, socióloga que fez uma abordagem dos diferentes grupos que freqüentam os bailes de charme, funk e academias de jiu-jitsu em três bairros da cidade do Rio de Janeiro, é fundamental para entendermos o problema da violência urbana praticada pelos “pit boys” (homens brancos de classe média, segundo ela) na cidade do Rio de Janeiro a partir de 1999. Discutindo e tentando entender os motivos de tais atos de violência, e suas relações com a construção da masculinidade na sociedade contemporânea. Tem uma grande importância para um melhor entendimento sobre as práticas destes novos agentes na sociedade contemporânea, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro.

Neste trabalho, será realizada no primeiro capítulo uma análise acerca da história e origem do jiu-jitsu e judô, como foi a divulgação e implantação das respectivas artes no mundo, antes de chegar ao Brasil, trazido pelo japonês Mitsuyo Maeda.

A partir deste capítulo poderemos perceber que tanto o judô, como o jiu-jitsu, se divulgaram pela prática da violência através dos desafios clandestinos. O jiu-jitsu era a arte marcial dos samurais que tinham a função de proteção do Império através do monopólio da violência, e após o processo de ocidentalização do Japão estes perderam sua função dentro da sociedade japonesa e conseqüentemente passaram da violência institucionalizada para uma violência marginal.

O segundo capítulo é importante para entender como foi construída uma imagem que relaciona o jiu-jitsu com a violência, pelo processo de divulgação do jiu-jitsu no Brasil através dos desafios clandestinos e dos eventos de vale-tudo e a implantação realizada pela Família Gracie (Carlos, Helio e Carlson). Os dilemas dos atletas e professores de jiu-jitsu no Brasil são justamente por esta associação do jiu-jitsu com a violência e a necessidade de uma profissionalização dos praticantes.

No terceiro e último capítulo foi feita análise crítica das práticas esportivas na sociedade servindo para entender que o jiu-jitsu na sociedade contemporânea tanto tem sua imagem relacionada com a violência, como é visto como um esporte de disciplina, como é utilizado para a construção de um homem apto ao trabalho, como a proteção da propriedade privada e do próprio sistema capitalista. Uma análise histórica da construção das comunidades dos “pit boys” e dos atletas e as diferentes imagens construídas pelos divulgadores e implantadores do jiu-jitsu e judô na empresa escrita (*Folha de São Paulo*). Finalizo o trabalho

com algumas considerações que retomam as questões propostas e indicam possibilidades para se pensar o tema da violência e do esporte diante dos dilemas da contemporaneidade.

**CAPÍTULO 1**

**PROBLEMAS DE LEITURA E SIGNIFICADOS**

**HISTÓRICOS DO JIU-JITSU E JUDÔ.**

## Problemas de leitura e significados históricos do jiu-jitsu e judô

### 1. Análise da história das respectivas artes

Para entender a história e a origem do jiu-jitsu foi necessário fazer uma pesquisa na historiografia do judô, pois este, além de ter sido criado a partir das técnicas do jiu-jitsu, possui uma historiografia mais vasta. E para contar a história do judô é necessário contar a história de sua arte mãe, o jiu-jitsu. A literatura sobre judô deixa clara essa origem.

Podemos observar entre os praticantes e mestres de judô a existência de uma tradição de cuidado com a história, filosofia e imagem da arte na sociedade, diferente dos praticantes de jiu-jitsu. Este fato é curioso, pois mesmo o jiu-jitsu sendo mais antigo que o judô, por algum motivo seus praticantes e mestres não se preocuparam em registrar sua história. Isso pode ter relação, por exemplo, ao fato do jiu-jitsu ter se divulgado sobretudo através dos desafios clandestinos.

A origem certa do jiu-jitsu ainda é um mistério, pois são várias histórias sobre o assunto. Uma delas é a de um monge chinês, Chin Gen Pin, que teria criado golpes e técnicas de luta para ferir e até matar os inimigos armados, por volta de 1650. Alguns anos depois, este monge mudou-se para o Japão onde fez amizades e ensinou as técnicas e golpes para três samurais, que se dedicaram ao treinamento e desenvolvimento dessas técnicas.<sup>12</sup>

Após o aperfeiçoamento das técnicas do monge chinês, os três samurais saíram pelo Japão com o intuito de difundir as técnicas para outros samurais que continuaram o trabalho de divulgação e aprimoramento das técnicas através das academias que se abriram em todo o país. Essas técnicas de luta ficaram denominadas de jiu-jitsu que significa “suave arte”.

Os samurais japoneses aprenderam a nova arte e desenvolveram vários estilos diferentes de jiu-jitsu. Aikijitsu, Tai Jitsu, Yawara, Kempô, Kito Ryu, Shito Ryu, Tejin e outros. Além da luta corpo a corpo também eram utilizadas armas brancas como facas, espadas, bastões de madeira, facões etc.

Foi entre os séculos XVII e XIX, período de forte divisão das classes sociais japonesas e enaltecimento da nobreza dos samurais, que o jiu-jitsu teve seu auge e se desenvolveu começando a despertar interesses de outros povos do mundo.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> CALLEJA, Carlos Catalano. A história do judô. **Caderno Técnico-didático**: judô. S.l.: a Secretaria. 26 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.judobrasil.com.br/origem.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2006.

<sup>13</sup> CALLCUT, M. Jansen. **M. Japão**: Império do Sol-Nascente. Madrid: Del Prado, 1997.

Mutsu Hito (1867-1912), que assumiu o império japonês no período da corrida imperialista das nações ocidentais, em busca de territórios e mercados consumidores, se sentiu ameaçado e realizou uma série de reformas e modificações dentro da sociedade japonesa como o fim dos domínios feudais, centralização política, criação das províncias, igualdade entre classes, revisão dos impostos sobre a terra, educação, serviço militar obrigatório, incentivo da produção e implantação do Xintoísmo como religião nacional. Além destas reformas ocorreu também a abertura do Japão ao restante do mundo.<sup>14</sup>

Com essas mudanças, os samurais perderam prestígio e *status* que tinham dentro da sociedade japonesa e se tornaram uma classe parasitaria. Com o processo de modernização dos exércitos, principalmente dos países ocidentais com fuzis e canhões, os samurais se tornaram obsoletos. Como enfrentar armas de fogo somente com técnicas de lutas e armas de corte? Além disso, eles não sabiam, em geral, manejar ferramentas de trabalho e ficaram marginalizados dentro da sociedade nipônica.

Vários países como a Rússia, a Hungria, a Alemanha, a França, a Inglaterra e outros, já conheciam alguns estilos ou pelo menos já tinham ouvido falar do jiu-jitsu japonês. Mas com o processo de abertura do Japão ao ocidente e conseqüentemente de marginalização dos samurais e de sua arte marcial, começaram a ocorrer disputas, desafios e brigas entre os vários estilos e academias de jiu-jitsu, com a finalidade de provar qual era o melhor estilo de luta e academia. Dessa forma o jiu-jitsu foi se marginalizando e perdendo sua valor e *status* dentro da sociedade japonesa. Esse processo de marginalização dos samurais fez com que a violência praticada por eles mudasse dentro do Japão, pois antes das reformas eles eram os detentores da violência, mas como se tornaram marginalizados.<sup>15</sup>

Podemos perceber, de acordo com os fatos relatados acima, que a violência era monopólio dos samurais, mas mudou sua conotação com o passar do tempo. Antes do processo de abertura do Japão a violência praticada pelos samurais era vista como necessárias para a defesa do império japonês e depois das reformar esta violência, que antes era institucionalizada, passou a ser marginal pela situação dos própria samurais dentro da divisão de classes do Japão.

Em 1882 um jovem recém formado pela Universidade Imperial, conhecedor de vários estilos de jiu-jitsu, de filosofia, pedagogia, idealizou e criou um novo estilo de luta, o judô. Este jovem que se chamava Jigoro Kano tinha a intenção de criar um novo esporte e não mais

---

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> STANLEI, Virgílio. **Conde Koma**: o invencível yodan da história. Campinas/ SP. Editora Átomo, 2002.

um estilo de jiu-jitsu, talvez tentando distanciar-se das visões negativas possivelmente associadas à antiga arte marcial dos samurais. Ele estava preocupado com a formação e disciplina dos indivíduos e principalmente em manter a tradição e cultura japonesa. Para isso ele retirou do jiu-jitsu as “didas técnicas que mais ofereciam risco para os praticantes” e criou uma filosofia que dá ênfase para a ética e a moral. A associou aos valores sociais e fraternos. Na origem, trata-se da mesma filosofia que encontramos nas boas academias de judô atualmente.

No dia 12 de junho de 1882, em um cômodo alugado no templo de Eishoji em Shitayá, as aulas iniciaram com poucos alunos, e dentre eles estavam Tsunejiro, Tomita, Shiro Saigo, Yoshikazu Yamashita e Sakujiro Yokoyama, além de outros que vieram depois. Iniciou-se ali o Instituto Kodokan de judô, uma instituição voltada para a prática, divulgação e aperfeiçoamento das técnicas e filosofia do judô.

Esse novo esporte foi divulgado rapidamente dentro do Japão, devido aos vários confrontos realizados dentro das academias e instituições militares, confrontos que posteriormente foram proibidos pelo Kodokan.<sup>16</sup> Dentro do Japão, após o período de divulgação, iniciou-se uma nova fase que foi a de implantação e a consolidação do judô, através do ensino nas academias e instituições militares e principalmente pela organização estrutural.

Mas para Jigoro Kano era pouco. Ele queria levar esse novo esporte para o restante do mundo. Assim, uma nova fase de divulgação, implantação e consolidação do judô aconteceu a partir da segunda geração da Kodokan, que contava com Mitsuyo Maeda, Soishiro Satake, Okabe Heita, Kiuzo Mifune e vários outros. Em 1902 ele enviou para os EUA um representante, Yoshikazu Yamashita, para divulgar e implantar o judô. Essa nova fase para o judô teve grande importância para o jiu-jitsu, pois foi a partir da divulgação do judô que o jiu-jitsu se divulgou também. Para os ocidentais, não existia diferença entre as duas artes.

A partir daí iniciou-se a expansão do judô e jiu-jitsu para o mundo. Em 1906 o instituto Kodokan recebeu um convite oficial, através da embaixada japonesa em Washington, para enviar mais representantes a fim de dar continuidade aos trabalhos de Yamashita. Sendo assim, Jigoro Kano escolheu os seus melhores alunos para representar, não só a nova arte, mas o povo japonês na América.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> STANLEY, Virgílio. Op. cit.

<sup>17</sup> Ibidem.

Vale lembrar que em 1905 ocorreu a guerra entre a Rússia e Japão, na qual o Japão saiu vitorioso e despertou grande interesse nos países ocidentais, inclusive no Presidente norte-americano Theodoro Roosevelt. Como um país pequeno como o Japão poderia vencer um grande país como a Rússia? Estavam todos interessados em compreender os motivos de tal sucesso dos japoneses. A vitória do Japão teve grande influência no envio do convite para o Kodokan.<sup>18</sup>

Jigoro Kano escolheu Tomita, Satake e Maeda para representar o Japão pelo mundo. Cada um tinha um tipo de personalidade e diferentes modos de encarar essa nova responsabilidade. Atravessaram o Oceano Pacífico rumo aos EUA em junho de 1906, especificamente rumo a Washington, onde foi bem divulgada a chegada dos três lutadores japoneses, graças ao trabalho de Yamashita. Os três ficaram hospedados em um hotel perto da Casa Branca à espera do momento da apresentação para o Presidente. No dia da apresentação estavam presentes além do presidente Roosevelt com sua esposa e filha, vários esportistas, autoridades, jornalistas e membros da embaixada japonesa nos EUA. Depois de acertados os detalhes para a luta, Satake e Maeda estavam apreensivos para saber qual deles iria lutar, mas Tomita que era melhor professor que lutador e resolve lutar, para espanto de todos, pois Tomita era bem mais fraco e menor que o lutador norte-americano que pesava mais de cem quilos e chegava a quase dois metros de altura.<sup>19</sup>

Tomita foi derrotado e assim decepcionou a todos os presentes que esperavam ver a técnica superar a força. Maeda ainda tentou desafiar outro lutador, mas foi em vão, pois todos começaram a sair. Depois disso, Tomita decidiu voltar para o Japão, Satake e Maeda ficaram para tentar recuperar o prestígio dos japoneses e após dois anos de desafios e lutas clandestinas em várias cidades dos EUA, sempre contra lutadores maiores e mais fortes, eles conseguiram recuperar o prestígio e provar a eficiência da sua arte. Então foram convidados para ministrar aulas nas instituições militares, policiais e universidades.

Maeda, após várias vitórias, desafiou o campeão mundial de boxe, Jack Johnson, e iniciou ali uma tradição que foi seguida posteriormente pelos Gracie, divulgadores do jiu-jitsu no Brasil, de desafiar os campeões de boxe de suas épocas (Helio Gracie desafiou Joe Lois, Richson Gracie desafiou Mike Tyson) enquanto os pugilistas criaram a tradição de não responder aos desafios.

---

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> O fato dos três lutadores terem sido convidados pelo Presidente Roosevelt e que eles se apresentaram na Casa Branca é polemico, usei como referência o livro escrito por VIRGILIO, Stanlei. Op. cit.

Após várias lutas, desafios e aulas em várias instituições, expandia-se o processo de divulgação e implantação de ambas as artes dentro dos EUA. Assim, continuaram o processo de divulgação em todo o mundo e foram para a Europa, com passagens por Cuba, México, América do Sul e finalmente no Brasil. Maeda insistia em chamar o seu estilo de jiu-jitsu, talvez pelo fato de que, antes de ingressar no Kodokan ele já era praticante de jiu-jitsu clássico e provavelmente usava nos desafios muitos dos golpes que Kano tinha abolido para criar o judô. E os desafios de Maeda não eram aprovados pelo Kodokan, o que deve ser mais um dos motivos dele ter adotado o nome de jiu-jitsu.

## 2. A chegada do jiu-jitsu ao Brasil

Chegaram ao Brasil em 1914, em Porto Alegre e foram para Manaus (chegada divulgada pelos jornais da época: *O Tempo*, *Correio da Manhã*), onde Satake radicou-se e montou sua academia no Palácio do Vaticano e no Atlético Clube Rio Negro, dando seqüência aos trabalhos de implantação, enquanto Maeda continuou os desafios pelo mundo. Finalmente em 1917, Maeda voltou com sua esposa May Íris Maeda ao Brasil, especificamente em Manaus, e ingressa no American Circus onde conheceu Gastão Gracie. E em 1922 regressa à cidade de Belém do Pará como agente de imigração da Companhia Industrial Amazonense e começa a ensinar sua arte na vila Bolonha. Neste mesmo ano Satake embarca para a Europa e não se tem mais notícias dele.<sup>20</sup>

É de grande importância resgatarmos a origem de Mitsuyo Maeda, pois ele foi o principal divulgador e implantador do judô e jiu-jitsu no mundo, sendo reconhecido por todos os praticantes das duas artes marciais. Assim podemos percebermos no processo de divulgação do jiu-jitsu e do judô a importância da violência dos desafios clandestinos em todos os países em que passou.<sup>21</sup>

Maeda nasceu em 1878 numa pequena cidade chamada Aomori, localizada ao norte da ilha japonesa de Honshu. Estudou na escola Hiroxaki, da elite local, onde era conhecido pelo apelido de “menino sumo”, em razão de seu grande fascínio pela arte que lhe fora ensinada por seu pai e também pelas várias lutas que vencida contra colegas de escola.

Em 1906 mudou-se para a capital, Tóquio e passou a estudar em um dos colégios mais tradicionais do país, depois entrou numa universidade elitista, hoje chamada de Waseda e

<sup>20</sup> BORTOLE, Carlos. Muda a História: Após longa pesquisa, o amazonense Rildo Heros descobre a verdadeira versão sobre a chegada do judô no Brasil. In: **Revista Ippon**, São Paulo, SP, ano 2, n. 12, set. 1997.

<sup>21</sup> STANLEY, Virgílio. Op. cit.

reconhecida como grande centro de ensino, onde apreendeu as técnicas do jiu-jitsu clássico. Posteriormente, bateu à porta da Kodokan, famosa academia de judô que na época já era considerada o melhor centro de artes marciais do Japão. Naquele período eram realizadas lutas todos os meses no Kodokan. Maeda participou com dedicação durante meses antes de participar das competições, pois não queria ser mal sucedido. No dia 25 de dezembro de 1898, ele enfim fez a sua primeira participação na academia. Com a faixa branca, derrotou facilmente cinco ou seis oponentes e foi imediatamente graduado a faixa roxa. Ainda naquele dia, enquanto os ocidentais comemoravam o Natal, Maeda vencendo mais adversários, até que, depois de derrotar quinze lutadores em sequência, recebeu o primeiro grau da faixa preta. Começa ali a trajetória de um grande lutador.

Homem de porte mediano, com apenas um metro e sessenta e quatro centímetros e sessenta e oito quilos, não era o que se podia chamar de lutador intimidador. Sua imagem não era imediatamente associada ao perfil de um lutador, visto que há registros apontando que adorava beber saquê e cantar. Foi graduado a terceiro grau da faixa preta em 1901 e se tornou instrutor de judô nas universidades de Tóquio, Waseda e Gakushuin. Em 1906 saiu do Japão com a responsabilidade de divulgação e implantação da nova arte marcial japonesa, período já citado acima, e finalmente em 1917 veio para o Brasil onde ficou até sua morte em 1941. Dedicou-se à imigração japonesa e ao ensino de jiu-jitsu em sua academia no Clube do Remo, na cidade de Belém do Pará. Um dos alunos que se destacava era o filho de Gastão Gracie, chamado Carlos Gracie. Este aprendeu as técnicas com Maeda e deu continuidade ao processo de divulgação e implantação em todo o país.<sup>22</sup>

O principal meio de divulgação dessas artes marciais japonesas, utilizado por Maeda e seus seguidores, foi os desafios clandestinos e brigas, ou seja, utilização de violência para provar qual a melhor arte marcial quando há um enfrentamento entre duas pessoas desarmadas.

Após fazer uma análise da historiografia do judô e jiu-jitsu percebi que os judocas possuem uma maior preocupação em resgatar sua história e filosofia, isso pelo grande número de literatura sobre o esporte. Já os praticantes de jiu-jitsu ainda não tiveram tamanha preocupação, isso pode se explicar pelo fato da utilização de meios violentos para se divulgar.

Tanto o judô como o jiu-jitsu tiveram em sua origem a característica de ser artes marciais da elite japonesa, e podemos perceber que este fato ainda é uma realidade nos dias de hoje, mesmo com todo o trabalho de popularização.

---

<sup>22</sup> Ibidem.

O processo de divulgação pela violência e implantação do jiu-jitsu no Brasil, pela família Gracie, veremos no próximo capítulo, buscando associações com as trajetórias e tradições dessa arte, a fim de esclarecer em certa medida como as imagens atuais do jiu-jitsu se configuram historicamente.

## **CAPITULO 2**

# **DIVULGAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO JIU-JITSU NO BRASIL**

## **Divulgação e implantação do jiu-jitsu no Brasil**

### **1. A atuação da família Gracie**

Após várias apresentações e desafios, Mitsuyo Maeda montou sua primeira academia na cidade de Belém do Pará, onde começou a ensinar seus princípios e sua arte para os brasileiros. Maeda tinha a intenção de formar novos lutadores para continuarem seu processo de divulgação e implantação do jiu-jitsu tanto no Brasil como na América do Sul, e entre estes novos alunos estava um membro da família Gracie.<sup>23</sup>

Em 1801 chegou ao Brasil um escocês de nome George Gracie, que veio para avaliar a situação do comércio local e acabou casando e morando no Brasil. Teve 18 filhos e entre eles estava Gastão Gracie, que morou em Belém do Pará até o ano de 1921, no período áureo da borracha. Um de seus filhos, Carlos Gracie(1902-1994), após ver uma luta do Conde Koma se interessou e começou a praticar as aulas de jiu-jitsu com o grande mestre japonês.

Não se sabe qual foi o período exato que Carlos Gracie foi aluno de Conde Koma mas acredita-se ter sido entre os anos de 1919 a 1921, ano que a família Gracie se mudou para a cidade do Rio de Janeiro. Carlos tinha apenas 17 anos de idade, já dominava as técnicas de jiu-jitsu quando começou a ensiná-las aos seus irmãos Osvaldo, Gastão e Jorge. Hélio por imposição médica, devido ao seu frágil estado de saúde (desmaiava e tinha tonturas), não podia treinar, mas, no entanto, observava seus irmãos praticarem a arte o que lhe proporcionou fixar e assimilar os movimentos e posições.

Neste período, em que treinava seus irmãos, Carlos fez lutas de boxe nas quais se saiu muito bem, sendo considerado um excepcional lutador. Aos 22 anos já era um lutador profissional e foi um grande divulgador do jiu-jitsu nas décadas de 20 e 30, período dos desafios propostos, a ele e por ele, em vários jornais.<sup>24</sup> Do Rio de Janeiro foi para Belo Horizonte e posteriormente para São Paulo. Nas duas últimas, Carlos teve que mostrar suas habilidades como lutador enfrentando os melhores lutadores da Polícia dos Estados de Minas e São Paulo, instituições onde ministrou aulas de jiu-jitsu. Fez de 4 a 5 grandes lutas, dentre elas, contra Rufino em 1931, contra o capoeirista Samuel no Rio de Janeiro e contra Geo Omorio(japonês) 1924, em São Paulo.

Em 1935 após conquistar prestígio em Minas e em São Paulo Carlos voltou para o Rio de Janeiro e abriu sua primeira academia, juntamente com seus irmãos Osvaldo e George, na

---

<sup>23</sup> STANLEI, Virgílio. **Conde Koma**: o invencível yodan da história. Campinas/ SP. Editora Átomo, 2002

<sup>24</sup> Ibidem

rua Marques de Abrantes. A academia era freqüentada pela elite carioca, políticos e pessoas importantes da época.

Com o aumento da fama e prestígio dos Gracie vários lutadores e brigadores da época como estivadores, capoeiristas entre outros, enfrentaram os praticantes de jiu-jitsu e foram vencidos. Isso fez com que a boa fama dos Gracie aumentasse ainda mais, levando a uma maior divulgação da arte.

Da década de 1950 em diante Carlos Gracie se dedicou mais ao processo de implantação do jiu-jitsu no Brasil, ministrando aulas de jiu-jitsu para a elite carioca e treinando irmãos, filhos e sobrinhos. Além de idealizar e formar o “clã” da família Gracie, desenvolveu uma dieta, que visa manter o ph das refeições o mais neutro possível, chamada de “Dieta Gracie”; também, foi o um dos grandes popularizadores do consumo de açaí no Brasil.<sup>25</sup>

Depois de formar o clã da família Gracie no mundo das lutas e desenvolver uma dieta fabulosa, Carlos Gracie começou a se dedicar ao estudo da doutrina espírita e à meditação. Com certeza foi uma pessoa que dedicou sua vida ao jiu-jitsu e fez dele sua vida. Depois de Conde Koma, foi Carlos quem continuou o processo de divulgação e implantação do jiu-jitsu no mundo, e para isso formou uma grande família de lutadores que continuam, até os dias de hoje o processo que Koma iniciou nas duas primeiras décadas do século XX.<sup>26</sup>

Hélio Gracie passou uma parte da sua vida apenas observando seus irmãos mais velhos treinarem e desenvolverem novas técnicas, devido ao seu estado de saúde e pelo simples fato de observar, começou a aprender. Quando superou os problemas de saúde, subiu no tatame e desenvolveu novas técnicas que tinham como principio básico usar o mínimo de força contra o adversário. Tais técnicas foram desenvolvidas devido ao seu próprio porte físico, que era bem mais fraco que o de seus irmãos, pois para superá-los era necessário utilizar o máximo de técnica. Dessa forma, Helio Gracie revolucionou o jiu-jitsu e hoje, é considerado pelos praticantes o pai do jiu-jitsu moderno.

Entre os 16 e 17 anos de idade Hélio começou a lutar e a colecionar várias vitórias contra lutadores de boxe, jiu-jitsu, vale-tudo, capoeira, sumo, karatê e outros estilos de luta.

---

<sup>25</sup> DUNLOP, Marcelo. O mentor, Há 10 anos, o país perdia o Gracie que dedicou sua vida à família, alimentação, ao espírito e ao jiu-jitsu; mas as sementes que plantou continuam dando frutos no Brasil e no mundo. In: **Gracie Magazine**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 95, p. 47-50, dez. 2004.

<sup>26</sup> Foi também na década de 50, mais especificamente em 1956 que veio ao Brasil Yoshio Kihara, a mando do Instituto Kodokan, para introduzir o “nage-no-kata” nas academias de Judô e separar definitivamente as duas artes. No Japão essa diferenciação entre o judô e jiu-jitsu já era bem clara, justamente pela rivalidade entre as duas artes. Mas no restante do mundo a situação era bem diferente, pois não havia um conhecimento das artes e suas filosofias. Poderia ser judô ou jiu-jitsu, tudo a mesma coisa. STANLEI, Virgílio. Op. cit

Venceu adversários brasileiros e estrangeiros, principalmente os japoneses, os quais não acreditavam na técnica de jiu-jitsu que fora desenvolvida no Brasil, um país tão distante do Japão.

Após várias lutas e desafios houve um período de calmaria, pela falta de adversários, e aumento do número de alunos. Foi quando Hélio montou sua própria academia em seu apartamento e posteriormente na Av. Rio Branco, a qual era freqüentada pela elite carioca. Neste período já contava com a ajuda de seus sobrinhos Carlson, Robson, Reyson e outros alunos para treinar.

Com a abertura de novas academias e o aumento do número de alunos os adversários também voltaram a aparecer. Foram várias vitórias contra Azeredo Maia, Caribe e vários outros lutadores da época. Houve uma luta em especial contra um ex-aluno, chamado Valdemar Santana, vinte quilos mais pesado e vinte anos mais novo que Hélio. A luta durou três horas e quarenta minutos. Ambos lutadores estavam exaustos e provavelmente devido a diferença de peso e idade entre eles a luta acabou com a vitória de Valdemar sobre o Gracie. Mas neste período, já havia um outro Gracie que estava preparado para derrotar Valdemar e manter o prestígio da família, Carlson, sobrinho de Hélio.

Os meios de comunicação levaram o nome dos Gracie, principalmente de Hélio, por todo o mundo e até ao Japão. As principais lutas do Hélio foram contra os campeões mundiais de jiu-jitsu japonês, Kato e Kimura. O Japão enviou seus principais lutadores para enfrentar o lutador brasileiro que conquistou fama internacional devido às várias vitórias e técnicas de jiu-jitsu. Nestas lutas o que estava em jogo não era o nome dos lutadores, mas qual a melhor escola de jiu-jitsu do mundo.

Após meses de preparação e acerto de regras, as lutas finalmente aconteceram. No dia 6 de setembro de 1951 no Estádio Maracanã, Hélio, mesmo com a costela quebrada lutou e empatou com Kato. Como foi noticiado na época pelos jornais, o japonês somente fugiu da luta, nos três *rounds*. Hélio pediu uma revanche que aconteceu no dia vinte e nove de setembro do mesmo ano, agora em São Paulo no Ginásio Pacaembu e com apenas oito minutos de luta Kato foi finalizado com um estrangulamento aplicado por Hélio.<sup>27</sup>

Após a vitória sobre Kato, Hélio foi desafiado de imediato pelo campeão mundial Kimura, quarenta quilos mais pesado e vinte anos mais jovem. Hélio mesmo sabendo que era quase impossível aceitou o desafio. A luta durou treze minutos e Hélio foi derrotado. Desta data em diante o jiu-jitsu dos Gracie fora reconhecido em todo o mundo, principalmente no

---

<sup>27</sup> STANLEY, Virgílio. Op. cit.

Japão, como um estilo diferente e moderno. Hélio já estava com mais de quarenta anos e já preparava seu sobrinho Carlson para substituí-lo.

Carlson Gracie (1933 a 2006) foi o filho mais velho de Carlos, nascido no Rio de Janeiro, cresceu vendo seu pai e tios realizando o processo de divulgação e implantação do jiu-jitsu. Morava com o tio Hélio na Praia do Flamengo, período que dormia no tatame. Começou a lutar antes do 18 anos de idade, sempre teve um temperamento forte e era bastante indisciplinado.

Começou a ser visto tanto na família como na mídia como o sucessor do tio Hélio. Aquele que iria continuar o processo de divulgação e implantação do jiu-jitsu no mundo. Seu nome começou a ser comentado em vários jornais da época ('O Globo', 'Última Hora', 'O Dia', e 'Jornal dos Esportes') onde era chamando de Garotão.<sup>28</sup>

Ele não tinha preocupação em ficar rico. O dinheiro que ganhava com as vitórias era repassado para as pessoas carentes e para os flagelados da seca nordestina; gostava muito de ajudar os mais carentes e amigos necessitados.<sup>29</sup>

Fez várias lutas contra os lutadores como Cirandinha, Passarito e vários outros que apareciam para desafiá-lo, mas suas principais lutas aconteceram depois do ano de 1955, contra Valdemar Santana com quem lutou quatro vezes em cinco anos: dois empates e duas vitórias, período no qual conquistou grande prestígio no mundo das lutas. Foi derrotado pelo pernambucano Euclides Pereira.

Durante as décadas de 1950 e 1960 Carlson foi o principal membro da família Gracie no processo de divulgação do jiu-jitsu, enquanto seu tio Hélio se dedicava ao processo de implantação, ministrando aulas particulares para a elite carioca.

Depois que saiu da casa do tio, Carlson inaugurou suas academias em Copacabana, Icaraí e Niterói, onde ministrava aulas coletivas e começou a formar um batalhão de lutadores que dominaram as competições de jiu-jitsu de 1965 até 1996. Foi um dos principais divulgadores e implantadores do jiu-jitsu, pois além de ministrar aulas coletivas era uma pessoa que sempre quis ajudar os mais carentes, bastava um aluno falar que não podia pagar a

---

<sup>28</sup> As revistas Gracie Magazine e Tatame fizeram edições especiais em homenagem a Carlson, que faleceu no dia 1 de fevereiro de 2006. Cf.: ATALLA, Luca. ; DUNLOP, Marcelo.; QUINTANILHA, Rafael.; A última luta, O Garotão, O professor, A ferida, O imortal, Entrevista a Carlson Gracie. Gracie Magazine, Rio de Janeiro, v. 109, p. 32-58, mar. 2006. ALONSO, Marcelo. Carlson Gracie. A história do homem que popularizou o jiu-jitsu no Brasil. Revista Tatame, Rio de Janeiro, edição especial, mar. 2006.

<sup>29</sup> Ibidem.

mensalidade que ele não cobrava mais. Isso fez com que o jiu-jitsu se popularizasse não ficando restrito somente a elite carioca.<sup>30</sup>

Durante três décadas (1965 a 1994) Carlson dominou as competições de jiu-jitsu com seu batalhão de lutadores. Ganharam vários campeonatos estaduais, brasileiros, pan-americanos e mundiais. Após realizar um excelente trabalho de divulgação, implantação e principalmente popularização do jiu-jitsu no Brasil, Carlson mudou-se para os EUA onde o vale-tudo estava crescendo muito rápido.

Nos EUA, Carlson percebeu que podia contribuir ainda mais para o processo de divulgação e implantação do jiu-jitsu, agora, no entanto, para todo o mundo. No começo, o principal evento de vale-tudo da América do Norte (UFC - Ultimate Fighting Championship) era liderado pelos lutadores brasileiros, sendo que o primeiro a vencê-lo foi o brasileiro Royce Gracie, que conquistou a vitória nos primeiros eventos lutando de kimono e sem dar um só soco em seus adversários; a sua finalidade era divulgar o jiu-jitsu no país dos Yankees. Depois de Royce vieram vários outros como: Rikson Gracie, Ryan Gracie, Renzo Gracie, Vitor Belfort, Wallid Ismail, Fabio Gurgel, Carlão Barreto e outros representantes do jiu-jitsu brasileiro.

Os eventos de vale-tudo foram se popularizando em todo o mundo, principalmente no Japão, onde se tornou uma febre nacional e um grande espetáculo para um enorme público. O principal evento de vale-tudo do Japão é o PRIDE que acontece de três em três meses e tem, em media, um público de oitenta mil pessoas. É comparável ao prestígio e grandiosidade deste evento aos jogos de futebol no Brasil.

Ao pesquisar nas matérias do Jornal *Folha de São Paulo*, foram encontradas algumas matérias que podemos perceber quanto os membros da família Gracie divulgaram o jiu-jitsu nos EUA:

Royce Gracie, um deles, venceu quatro dos cinco “Ultimate Fighter” \_campeonato de “vale tudo” entre os melhores lutadores de várias artes marciais\_, nos EUA, entre dezembro de 93 e abril de 95.

Sócio do irmão Rorion há mais de quatro anos na academia em Torrance, Royce ensina a técnica da família como autodefesa aos norte-americanos.

Só não venceu os cinco campeonatos porque, na terceira edição, alimentou-se cedo demais, teve uma crise de hipoglicemia entre duas lutas e se retirou do torneio.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> TAGLIAFERRI, Mauro. Brasileiro conquista EUA na porrada. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, Caderno Esporte, p. 4-7, 21 maio. 1995.

Atualmente o número de pessoas que trabalham no processo de implantação do jiu-jitsu no mundo é bastante expressivo, mas os membros da família Gracie continuam a dominar o jiu-jitsu no Brasil e mundo, devido o controle da CBJJ (Confederação Brasileira de Jiu-jitsu) e (FIJJ) Federação Internacional de Jiu-jitsu pelo Carlos Gracie Jr. que tem feito um trabalho de implantação e organização do esporte nos EUA, Europa e Ásia.

## **2. Relação jiu-jitsu e vale-tudo e as correntes do jiu-jitsu no Brasil**

O que a historiografia mostra é que as lutas e os desafios clandestinos foram utilizados tanto pelo Konde Coma como pelos membros da família Gracie para divulgar o jiu-jitsu e mostrar a superioridade técnica desta arte quando se trata de combate corpo-a-corpo. Os desafios eram constantes, não tinham nenhuma organização, regras pré-estabelecidas ou locais específicos. Aconteciam em picadeiro de circos, arenas de touradas, palcos de teatros, clubes, ginásios, praias, boates, bares, portos, rodas de capoeira, academias e principalmente nas ruas. Os desafios eram contra lutadores de outras artes marciais, estivadores, brigões e outros tipos de força bruta, ou seja, sem técnica. Com estes desafios clandestinos o jiu-jitsu foi sendo divulgado e as apostas cresceram na mesma medida do sucesso do jiu-jitsu frente às outras artes.

Os membros da família Gracie desafiaram e foram desafiados várias vezes e nunca fugiram de uma briga. Hélio Gracie quando estava em ótima forma física e técnica foi em várias academias desafiar professores e lutadores de outras artes. Os Gracie brigaram várias vezes nas praias, boates e nas ruas do Rio de Janeiro. Sempre levando o nome do jiu-jitsu, o que fez com que o nome da arte fosse associado à violência. Durante as décadas de 1950, 60 e 70 estes desafios clandestinos foram a principal forma de divulgação do jiu-jitsu na sociedade brasileira. Todos queriam aprender esta arte, principalmente a elite carioca, que possuía contato direto com os Gracie. Não obstante, os Gracie ficaram conhecidos no Brasil.

O que alguns professores e praticantes de jiu-jitsu não perceberam é que estes desafios eram uma maneira de divulgar a arte e que após o processo de divulgação o que faltaria era a implantação, ou seja, abertura de academias e escolas de jiu-jitsu. É certo que foi usada uma forma de violência para divulgar a arte, mas após este processo de divulgação, ela já não era mais necessária, porém, alguns praticantes continuaram com as brigas, não com o intuito de

divulgar, mas pelo simples ato de violência alheia contra a sociedade. Esta questão da violência vai ser analisada no próximo capítulo.

Da década de 1980 até os dias de hoje introduziu-se um outro elemento no mundo das lutas, tanto de jiu-jitsu como de vale-tudo: o capital, ou seja, empresários que perceberam que podiam ganhar com a organização e apostas em campeonatos. Daí para frente os desafios começaram a ser organizados em forma de eventos, com uma estrutura de ringue, grade, arquibancadas e principalmente com regras pré-estabelecidas.

Na década de 1990, sobre a organização do Rorion Gracie, um grupo de empresários realizou o primeiro evento de vale-tudo nos EUA, o UFC (Ultimate Fighting Championship). Evento que Royce Gracie venceu as primeiras edições, lutando contra praticantes de várias outras artes. Ele utilizava somente técnicas de jiu-jitsu. Então o jiu-jitsu cresceu e ganhou um grande espaço no mundo das lutas, principalmente pela ajuda da tecnologia dos meios de comunicação.

O "UFC II" contava com a participação de Royce Gracie, brasileiro, faixa preta de jiu-jitsu quarto grau e vencedor da primeira edição do evento. Sem regras –a não ser a proibição de dedo no olho e mordidas–, sem juízes e sem tempo determinado, o evento teve critério de simples eliminação. Dos 16 lutadores selecionados entre os melhores do mundo –Japão, França, Espanha, Holanda, EUA e Brasil– sobraram quatro, depois dois e, finalmente, o "ultimate", o melhor.

O clima tenso no ginásio só era quebrado quando duas garotas de biquini passavam apresentando as modalidades do próximo embate, no mais autêntico estilo de boxe.

Royce não contava com a simpatia do público. Suas lutas foram as mais rápidas e sempre no chão. Por duas vezes seus oponentes levantaram, mas logo vinha o golpe de misericórdia. Uma chave de pescoço ou algo parecido obrigava o valente a bater no chão.

Com a torcida e o tamanho a seu favor, Smith foi para final com Royce. Tentou nos primeiros segundos golpeá-lo com chutes e socos, mas logo o brasileiro "entrou" nele e, em apenas um 1min17, o embate estava definido. Royce Gracie ficou com o título máximo e US\$ 60 mil mais rico.<sup>32</sup>

As lutas de vale-tudo, já no final da década de 90 e início de 2000, já não tem mais aquela intenção inicial de enfrentamento de diferentes artes marciais. Anteriormente, o lutadores entravam para defender sua arte marcial, mas perceberam que não era possível vencer os praticantes de jiu-jitsu sem pelo menos anular a luta de chão, lugar em que a maioria das lutas sempre acabam. Assim as lutas de vale-tudo foram ficando cada vez mais

---

<sup>32</sup> SARLI, Carlos. Sopa de Tamanco. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Caderno Esporte, p. 4-5, 17 mar. 1994.

disputadas e os lutadores defendendo não só a sua arte, mas seu próprio nome e o de sua equipe.

O processo de divulgação do jiu-jitsu através dos desafios clandestinos, levou à criação de uma nova forma de luta conhecida com vale-tudo que é uma mistura de várias artes marciais, com técnicas de solo, chute, cotoveladas, joelhadas, projeções, imobilizações e principalmente finalização (momento em que o oponente desiste da luta, pedindo para parar).

### **3. Dilemas dos atletas de jiu-jitsu no Brasil**

O jiu-jitsu brasileiro pode ser classificado como o melhor jiu-jitsu do mundo, ao considerarmos os resultados nas competições de nível internacional. Os campeonatos de jiu-jitsu são promovidos em todo o país e organizados por vários professores e equipes, mas os principais campeonatos são organizados e monopolizados pelas CBJJ e CBJJO (Confederação Brasileira de jiu-jitsu e Confederação Brasileira de jiu-jitsu Olímpico): níveis internacionais, nacionais. Os campeonatos estaduais, regionais, municipais, entre cidades e estados são promovidos pelas Federações dos Estados. Existem também os campeonatos internos (dentro das equipes).

Infelizmente existem pessoas despreparadas tanto para ministrar aulas de jiu-jitsu como para organizar campeonatos, pois este não deve ser visto como uma forma de ganhar dinheiro, mas como uma forma de divulgar o esporte e para isso é muito importante uma boa organização do evento a fim de evitar brigas, desrespeito às regras e principalmente manter a integridade física dos competidores.

Como já foi dito acima, tenho lutado como atleta profissional de jiu-jitsu desde o ano de 2004 e infelizmente pela falta de patrocínio de empresas e do poder público, não é possível viver profissionalmente como atleta. Não sou uma exceção, a grande maioria dos atletas de jiu-jitsu do Brasil estão na mesma situação, lutam como profissional, mas não ganham como profissional. Não só pela falta de patrocínio, mas também pela falta de consideração das próprias Confederações e Federações que organizam os campeonatos.

Ambas as Confederações que organizam os principais campeonatos do mundo (CBJJ, CBJJO) tem em seus regulamentos<sup>33</sup> o discurso de profissionalização dos atletas e de colocação do jiu-jitsu nas olimpíadas, mas o que podemos perceber é que ambas são utilizadas

---

<sup>33</sup> Cf.: Disponível em: <[www.cbjj.com.br](http://www.cbjj.com.br)>. Acesso em: 5 jan. 2006.

para ganhar dinheiro com a filiação e inscrições dos atletas nas competições. Dinheiro este que não é repassado para os atletas em forma de premiação.

A CBJJ foi fundada em 1994 e tem como fundador e presidente: Carlos Gracie Jr.<sup>34</sup> e tem como prioridade a divulgação e implantação do jiu-jitsu pelo mundo através das competições, academias, padronização das regras e controle do sistema de graduação dos praticantes. Juntamente com a Federação Internacional de Jiu-jitsu (que tem como presidente Carlos Gracie Jr.), que também adota o regulamento da CBJJ, organiza os campeonatos de nível internacional.<sup>35</sup>

Carlos Gracie Jr. tem feito um excelente trabalho de divulgação do jiu-jitsu em todo o mundo, mas não por este motivo que ele tem o direito de monopólio das competições e as Confederações. A CBJJ é reconhecida pelo Ministério dos Esportes e graças a isso os atletas tem a possibilidade de conseguir a bolsa atleta<sup>36</sup> na categoria estudantil, nacional e internacional.

A CBJJO foi fundada em 12 de fevereiro de 2002 por: Luiz Pessoa, devido à discordância com as competições da CBJJ que não premia os atletas em dinheiro. A CBJJO premia os atletas com medalha e em dinheiro, repassando uma parte da receita adquirida nas inscrições. Mas o que percebemos em lutar os campeonatos promovidos pela CBJJO e que existe falta de organização e preocupação com os competidores. Isso eu falo por experiência própria, pois já disputei alguns campeonatos organizados por esta confederação.

Para a LBJJ (Liga Brasileira de Jiu-jitsu), devido à falta de informações no site oficial da própria Liga, as informações são poucas. É provável uma filiação a CBJJ, mas seus campeonatos ainda são pouco expressivos.

Após alguns anos de jiu-jitsu e competições percebi problemas que atletas e professores enfrentam. Como a falta de organização de algumas federações e confederações, falta de eleições para a diretoria das federações e confederações, monopólio das competições, discurso de profissionalização dos atletas e não premia os atletas com dinheiro, falta de fiscalização nas academias, pois existem pessoas não capacitadas para dar aula, mas estão fazendo e principalmente a falta de anti-doping.

---

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Disponível em: < [http://portal.esporte.gov.br/snear/bolsa\\_atleta/](http://portal.esporte.gov.br/snear/bolsa_atleta/)>. Acesso em 4 jan. 2006. Acesso em 15 jan. 2006.

Não pretendo em minha monografia apontar respostas e solucionar os problemas do jiu-jitsu brasileiro, mas levantar problemas e questões como estas: Como os atletas podem viver do esporte sem renda? Até quando o governo e a sociedade vão continuar fechados para os atletas de jiu-jitsu? Isso tem a ver com a imagem do jiu-jitsu na mídia? Não se pode negar o tamanho do trabalho de divulgação e implantação que os Gracie fizeram e ainda fazem, mas por estes motivos eles têm o direito de monopolizar o jiu-jitsu que já é um esporte nacional?

**CAPITULO 3:**  
**ESPORTES, IMPRENSA E VIOLÊNCIA NA**  
**SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.**

## 1. Análise crítica das práticas esportivas na sociedade contemporânea

Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida no campo da História, acredito que seja de grande importância fazer uma análise crítica também das práticas esportivas como um todo, não ficando restrita ao jiu-jitsu e ao judô. Estes dois esportes, além de serem artes marciais, fazem parte de um contexto maior, que é a educação física na sociedade contemporânea.

Segundo Soares, o século XIX tem uma grande importância para podermos entender a educação física, pois foi neste período que foram elaborados conceitos sobre o corpo e sua utilização enquanto força de trabalho.

Com a consolidação do Estado capitalista, tendo a burguesia como classe dominante e a inevitável contradição com a classe operária, as práticas esportivas foram incentivadas e utilizadas para a construção de um novo homem que pudesse suportar a nova ordem social, política, econômica e garantir a hegemonia e manutenção dos burgueses no poder.

Os esportes sempre tiveram influência política e ideológica desde as cidades-Estado da Antiguidade. Por exemplo, em Esparta os cidadãos tiveram seus corpos modelados e treinados. No período feudal japonês os samurais eram treinados e disciplinados para defenderem o império. A política de pão e circo do Império Romano era o maior instrumento ideológico para os imperadores esconderem a dura realidade social dos indivíduos.

É possível entender a educação física também como um mecanismo de controle, de manutenção da ordem e construção desse novo homem apto e preparado para o trabalho. Viabilizada em todas as instâncias e em todos os espaços (campo, fábrica, família, escola etc.) que possam efetivar a formação deste novo homem, a educação física evidencia como necessário cuidar tanto dos aspectos físicos quanto mentais.<sup>37</sup>

Nesse período a educação física começa a ser vista como o principal mecanismo de disciplinarização, moralização e “remédio” para a suposta preguiça e indolência dos trabalhadores. Ela passa a integrar os discursos médicos, pedagógicos e familiares. Não diferente, as artes marciais também fazem parte desta construção e formação de um novo homem, ajudando no processo de manutenção da hegemonia das classes dominantes, que perceberam a necessidade de um homem também apto fisicamente, disciplinado e com vigor físico, para garantir a produção e reprodução do capital.

---

<sup>37</sup> SOARES, Carmem. **Educação Física, Raízes Européias e Brasil**. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.

Esse processo de formação e construção de indivíduos aptos ao trabalho e manutenção da ordem capitalista se deu através das instituições escolares, militares e pelas práticas de educação física, não ficando de fora as artes marciais, principalmente as que possuem uma filosofia de respeito, moral e disciplina. Este pode ser um dos motivos que levou o judô a ter maior aceitação por parte da sociedade contemporânea, ao contrário do jiu-jitsu, que ainda não consolidou uma filosofia definida e algumas vezes foi utilizado contra a ordem capitalista.<sup>38</sup>

Durante o século XIX e início do século XX, esse processo de construção e formação dos indivíduos foi realizado pelos médicos higienistas e profissionais da educação física nas várias instituições do Estado burguês. A partir da metade do século XX até os dias de hoje, podemos perceber que ainda existe esta preocupação por parte da burguesia e dos governantes em manter a ordem do capitalismo e a formação desse novo homem, surgindo com uma nova roupagem dentro da sociedade contemporânea.

A autora do livro **Educação Física, Raízes européias e Brasil**, Carmen Soares, que analisou a Educação Física no período de 1850 a 1930, abordou questões de como a utilização da educação física como disciplinadora dos corpos fez apologia à saúde dos indivíduos. Colocou uma questão no final de seu livro: *[...] e perguntamos se os apelos da mídia às fórmulas frenéticas de “cuidar do corpo” hoje não seriam a nova roupagem de um higienismo e eugenismo pós-moderno?*<sup>39</sup>

As práticas esportivas atualmente, além de serem utilizadas para manter a ordem do capitalismo e construir o novo homem preparado para a produção do capital, são mais um meio de reproduzir o capital através dos investimentos privados e governamentais em grandes academias, centros de esportes e gigantescos eventos dos diversos tipos de práticas esportivas. Um exemplo disso são as olimpíadas, pan-americanos e os próprios campeonatos de artes marciais, como o jiu-jitsu. Atrás destes grandes eventos do esporte circula um alto valor de capital.

Na atualidade, as artes marciais têm assumido um papel de prática social que prepara esse “novo homem” para o trabalho, para a segurança da propriedade privada e para a manutenção dos burgueses no poder. Isso acontece porque os artistas marciais estão preparados para evitar, imobilizar e reprimir possíveis agressões contra indivíduos ou seus bens materiais. Um exemplo disso são os trabalhos como segurança e professores de

---

<sup>38</sup> Refiro-me às reflexões apontadas nos capítulos iniciais, sobre a atuação “marginal” de samurais e divulgadores do jiu-jitsu.

<sup>39</sup> SOARES, Carmem. Op. cit. p. 161.

segurança pessoal em empresas de segurança privada e para os aparelhos repressivos do Estado.

## 2. Imagens do jiu-jitsu e judô na mídia impressa

Alguns espaços na sociedade contemporânea permitem observar diferentes formas de valorizar ou compreender o papel das práticas esportivas e das artes marciais no imaginário social. Ao analisar uma série de notícias de jornal, é possível mapear uma série de questões que estão relacionadas ao jiu-jitsu.

Para tanto, foram utilizadas como fonte de pesquisa as matérias de jornais encontradas nos arquivos do Jornal Folha de São Paulo. A pesquisa foi realizada na busca de três palavras-chaves: jiu-jitsu, “pit boys” e judô. No período entre os anos de 1994 e 2004, as matérias são tanto da reportagem local de São Paulo como da sucursal do Rio de Janeiro. A escolha deste jornal como fonte de pesquisa se deu devido à importância do jornal no país (jornal de maior circulação nacional) devido à disponibilidade dos arquivos na Internet e principalmente porque esta empresa de mídia escrita está localizada nas duas principais cidades de divulgação e implantação do jiu-jitsu e judô no Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro. A tabela abaixo é uma classificação das matérias encontradas a partir da busca pelas palavras-chaves: jiu-jitsu e “pit boys”.

**Tabela 1:** classificação das matérias do jornal *Folha de São Paulo*

| ANO                    | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999         | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | total |
|------------------------|------|------|------|------|------|--------------|------|------|------|------|------|-------|
| Tipo de notícias       |      |      |      |      |      |              |      |      |      |      |      |       |
| <b>Brigas</b>          | 5    | 1    | -    | 2    | 8    | 4            | 2    | -    | -    | -    | 2    | 24    |
| <b>Agressões</b>       | -    | -    | -    | 3    | -    | 1<br>assalto | 6    | -    | -    | -    | 3    | 13    |
| <b>Imagem negativa</b> | -    | -    | -    | -    | 2    | 7            | 12   | 1    | -    | 1    | 4    | 26    |
| <b>Gangues</b>         | -    | -    | -    | 1    | 1    | 1            | -    | -    | -    | 1    | -    | 4     |
| <b>assassinatos</b>    | -    | -    | -    | -    | 1    | -            | -    | -    | -    | -    | 2    | 3     |

|                             |    |    |    |    |    |    |    |   |   |    |    |     |
|-----------------------------|----|----|----|----|----|----|----|---|---|----|----|-----|
| <b>Projetos sociais</b>     | -  | -  | -  | -  | -  | -  | -  | - | - | -  | 2  | 2   |
| <b>Divulgação positiva</b>  | 5  | 10 | 23 | 6  | 1  | -  | 1  | - | - | -  | -  | 46  |
| <b>Matérias sobre Açaí</b>  | -  | -  | -  | 3  | 1  | -  | -  | - | - | -  | -  | 4   |
| <b>Propagandas e outros</b> | 11 | 15 | 3  | 38 | 17 | 16 | 26 | 7 | 9 | 18 | 27 | 187 |
| <b>Total de matérias</b>    | 21 | 26 | 26 | 53 | 31 | 29 | 47 | 8 | 9 | 20 | 43 | 313 |

Fonte: Folha de S. Paulo.

Após a pesquisa e a classificação das matérias do jornal citado acima, algumas questões podem ser levantadas. As matérias do jornal foram classificadas em dois grupos: violência e esporte.

No primeiro grupo estão matérias que fazem associação do jiu-jitsu com a violência. As brigas envolvendo praticantes de jiu-jitsu, agressões de praticantes do esporte contra diferentes membros da sociedade, formação de gangues de jiu-jitsu (“pit boys”), assassinatos e matérias que fazem uma associação do jiu-jitsu com a violência (imagem negativa).

No segundo grupo as matérias fazem referência à prática do jiu-jitsu como uma prática esportiva, que tem se divulgado e implantado em todo o mundo por esportistas e empresários que viram no esporte uma boa oportunidade de negócios. Projetos sociais desenvolvidos por praticantes de jiu-jitsu, divulgação positiva do jiu-jitsu como esporte através dos eventos e campeonatos oficiais e legalizados no Brasil e mundo, matérias que associam o processo de divulgação do jiu-jitsu com questões alimentares, como o suco de açaí, e propagandas de academias.

A leitura dessas matérias permite observar a existência de uma média de 28 matérias por ano, com destaque para:

Entre os anos de 1994 e 2004, há um grande número de propagandas de academias (investimentos privados em divulgação das academias de jiu-jitsu, principalmente em São Paulo e Rio) reflete os investimentos privados em divulgação e implantação do jiu-jitsu, em academias e associação de marcas esportivas com a prática do jiu-jitsu.

De 1994 a 1998, há um número expressivo de matérias sobre a divulgação e implantação do jiu-jitsu nos EUA (Royce, Rorion, Roiler, Renzo, Rickson, Carlson, Hélio Gracie, Fabio Gurgel, Wallid Ismail, Vitor Belfort) reflete o destaque da família Gracie nessa divulgação e implantação.

Entre 1994 e 2000, há algumas matérias sobre as brigas, agressões e gangues, principalmente da sucursal do Rio de Janeiro. Há uma grande relevância nessas matérias, pois refletem o destaque dos homens brancos de classe média do Rio de Janeiro, especificamente na Zona Sul da cidade dado pela mídia brasileira;<sup>40</sup> traz matérias sobre a prática de violência por parte de membros da família Gracie, refletem como foi feita a associação da violência com os lutadores de jiu-jitsu e como foi a divulgação do jiu-jitsu na imprensa de abrangência nacional.

Surgem entre 1998 e 2004 as matérias que evidenciam uma imagem negativa do jiu-jitsu na sociedade contemporânea. E *em 1997* o Prefeito Luiz Paulo Conde proibiu os eventos de vale-tudo na cidade do Rio de Janeiro, devido a uma competição que terminou em pancadaria e tiros. Veja a matéria de 1997:

Campeonato de luta livre, no Tijuca Tênis Clube, anteontem, teve incidentes registrados durante a última luta, entre Renzo Gracie (jiu-jitsu) e Eugênio Tadeu (luta livre). Nem o forte esquema de segurança, com detectores de metais e 65 policiais, conteve cerca de 40 minutos de luta e cinco disparos.<sup>41</sup>

Este evento causou a proibição do vale-tudo na cidade do Rio de Janeiro, mostrando que mesmo com todo um esquema de segurança houve briga e tiros, ou seja, mais um episódio que serviu para criar uma imagem negativa do jiu-jitsu. Mostra também a rivalidade que existe entre luta-livre e jiu-jitsu e, apesar a relevância do tema para compreensão da violência, essa questão não vai ser discutida neste trabalho por remeter ainda a outras relações entre lutas e grupos sociais que não são objeto deste estudo.

Abaixo está uma entrevista com o Presidente da FPJJ (Federação Paulista de Jiu-jitsu) na qual podemos perceber como o vale-tudo foi usado pelos membros da família Gracie para divulgar o jiu-jitsu e se tornarem milionários. Além disso, mostra como o processo de divulgação e implantação do jiu-jitsu no Brasil está acontecendo desordenadamente.

O jornal retoma as relações entre a família Gracie e o esporte, mencionando fatos curiosos como os nomes dados por Hélio Gracie aos filhos Rickson, Rorion, Relson, Rolker,

<sup>40</sup> Classificação baseada nas observações de Cecchetto [ref.]

<sup>41</sup> COMPETIÇÃO NO RIO TEM PANCADARIA E TIROTEIO. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 9 set. 1997.

Royler, Royce, Rerika, Robin e Rissi, que segundo Hélio, a inicial “erre” significa força. É mostrado nesta matéria como foi criada uma imagem da família de vencedores e especialistas em jiu-jitsu, e como a divulgação do mesmo através dos eventos de vale-tudo acabaram possibilitando a construção de uma imagem que associa a arte marcial com a violência:

Os cinco primeiros são especialistas em jiu-jitsu. Invencíveis nos ringues de vale-tudo, o grande marketing da família.

"Mas, além de marketing, é a verdade. Não se sabe de um Gracie que tenha perdido uma luta nas últimas décadas", diz Otávio de Almeida, 44, presidente da Federação Paulista de Jiu-jitsu.

Recentemente, Renzo Gracie, um primo dos "originais", não venceu seu combate de vale-tudo – luta em que só não se pode enfiar o dedo nos olhos do adversário, morder, beliscar e atacar os genitais. Mas também não perdeu.

A luta foi interrompida no Rio de Janeiro, no último dia 27, por causa de briga entre os torcedores de Renzo e os de seu adversário, adepto da luta livre. Houve tiros, dois feridos e quebra-quebra.<sup>42</sup>

A partir dos incidentes ocorridos no Rio de Janeiro, o ex-prefeito da cidade naquele momento, Luiz Paulo Conde, entrevistou proibindo as disputas de vale-tudo, até que fosse criada uma regulamentação rígida o suficiente para minar as brigas fora do ringue. A fala do Presidente da FPJJ, mostra que algumas pessoas utilizavam das técnicas de jiu-jitsu de maneiras inapropriadas, isso além de possibilitar uma associação do jiu-jitsu com a violência tem causado problemas para as academias:

Infelizmente há gente sem escrúpulo usando o jiu-jitsu de maneira indevida, brigando em ruas e em casos como o do Rio. A má fama está atingindo o esporte e as academias sérias estão sofrendo com isso, diz Otávio de Almeida.<sup>43</sup>

Podemos perceber que houve uma perda do controle sobre o processo de implantação das academia, assim o jiu-jitsu foi sendo implantado desordenadamente, isso aconteceu justamente pelo processo de divulgação realizado pelos membros da família Gracie. [...] *Segundo ele, o crescimento do*

---

<sup>42</sup> PAPA, Fernanda. Pancadarias de rua ofuscam as conquistas do clã. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Caderno de Esporte, p. 5, 5 out. 1997.

<sup>43</sup> Ibidem.

*jiu-jitsu fugiu do controle das entidades oficiais. "Há dez anos, São Paulo tinha cinco academias. Hoje, registradas na Federação, são 70. Mas deve haver quase 200".<sup>44</sup>*

Mostrando que somente através do método desenvolvido por Helio Gracie é possível ter um ensino sério das técnicas de jiu-jitsu. E como o vale-tudo, que foi criado pelos membros da família Gracie, se tornou não somente uma forma de divulgar o jiu-jitsu mas também uma forma de ganhar dinheiro.

Quanto ao ensino da "arte", se for sério, segundo Almeida, terá a ver com o método Gracie. "O Hélio desenvolveu uma técnica de alavanca em que se aproveita do peso do outro e postura que surpreendeu até os japoneses."

É característica do jiu-jitsu a imobilização do adversário, por golpes de estrangulamento ("gravatas") e articulação ("chaves de braço e perna") principalmente.

Com a autoconfiança, o atleta, na concepção de Hélio, se torna imbatível. No caso de seus filhos, milionários também. Rickson, que não revela a idade (supostamente tem 37 anos), tem academias nos EUA. Para lutar sábado no Japão, receberá só de bolsa quase US\$ 900 mil.<sup>45</sup>

O ano de 2004 foi marcado pelo retorno das matérias sobre brigas, agressões e assassinatos. Uma matéria sobre o decreto do subsecretaria de segurança e duas matérias sobre a lista de brigões distribuída em casas noturnas do Rio de Janeiro. As matérias abaixo refletem as medidas tomadas pelo aparelho repressivo (polícia) para conter e reprimir a violência dos pit boys e mostra como tais medidas não tiveram o resultado esperado:

## DECRETO

22/3 - O subsecretário de Segurança, Marcelo Itagiba, anuncia que jovens preso em flagrantes de brigas serão indiciados por formação de quadrilha. Menores de idade responderão por lesão corporal.<sup>46</sup>

A elaboração de uma lista com fotos e nomes dos jovens agressores, anunciada pelo chefe da Polícia Civil do Rio, Álvaro Lins, subordinado ao secretário de Estado de Segurança, Anthony Garotinho, é a repetição exata de determinação tomada pelo então secretário Josias Quintal durante o governo Garotinho (1999 -2002). A medida, aparentemente, não surtiu efeito prático.<sup>47</sup>

Esta matéria nos mostra que membros da família Gracie praticaram atos de violência e acabaram impunes.

---

<sup>44</sup> Ibidem.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> ÚLTIMOS "ROUNDS" DOS JOVENS DA CLASSE MÉDIA CARIOCA. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. C8, 11 abr. 2004.

<sup>47</sup> LISTA COM FOTO DE AGRESSOR NÃO TEVE RESULTADO. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. C8, 11 abr. 2004.

Na época, em agosto de 2000, quatro lutadores da família Gracie \_que disseminou a prática do jiu-jitsu no país\_ atiraram balas de borracha contra três travestis, na praia de Copacabana (zona sul). Em março do mesmo ano, o lutador e instrutor de jiu-jitsu Ryan Gracie ficou 18 dias preso, acusado de esfaquear um estudante numa briga que destruiu uma casa de festas na Barra da Tijuca (zona oeste).<sup>48</sup>

A violência tomou tamanha visibilidade na mídia que o subsecretário de segurança na época se viu obrigado a tomar uma medida mais repressivas sobre estes novos agentes da violência urbano no Rio de Janeiro.

A atual onda de violência levou o subsecretário de Segurança, Marcelo Itagiba, a determinar também que todos os delegados autuassem jovens envolvidos em brigas por formação de quadrilha.

Segundo o artigo nº 288 do Código Penal, quadrilha é a associação de "mais de três pessoas, com o fim de cometer crimes". A pena nesses casos pode ser de um a três anos de reclusão.<sup>49</sup>

A tabela abaixo é um contraponto das matérias publicadas na Folha de S. Paulo relacionando os temas sobre jiu-jitsu, “pit boys” e judô dos anos de 1994 a 2004.

**Tabela 2:** jiu-jitsu e judô na mídia impressa

| <b>Ano</b>   | <b>N. de matérias jiu-jitsu e “pit boys”</b> | <b>N. de matérias judô</b> |
|--------------|----------------------------------------------|----------------------------|
| <b>1994</b>  | 21                                           | 34                         |
| <b>1995</b>  | 26                                           | 76                         |
| <b>1996</b>  | 26                                           | 261                        |
| <b>1997</b>  | 53                                           | 94                         |
| <b>1998</b>  | 31                                           | 62                         |
| <b>1999</b>  | 29                                           | 139                        |
| <b>2000</b>  | 47                                           | 316                        |
| <b>2001</b>  | 8                                            | 130                        |
| <b>2002</b>  | 9                                            | 79                         |
| <b>2003</b>  | 20                                           | 139                        |
| <b>2004</b>  | 43                                           | 292                        |
| <b>Total</b> | <b>313</b>                                   | <b>1622</b>                |

Fonte: Folha de S. Paulo.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

Ao fazer um contraponto entre o número de matérias das duas artes marciais, podemos perceber que no mesmo período o jiu-jitsu teve apenas 313 matérias enquanto o judô teve 1622 matérias e nenhuma delas faz associação do judô com a prática de violência por seus praticantes.

Essa grande diferença na quantidade de matérias pode refletir a importância que é dada ao judô pela sociedade brasileira, principalmente nos anos de Olimpíadas (1996, 2000, 2004) e como o processo de divulgação e construção de uma imagem é bem diferente do jiu-jitsu. Nenhuma matéria faz alusão a brigas, agressões, gangues e assassinatos por praticantes de judô, enquanto o jiu-jitsu teve 43 matérias a respeito de brigas, agressões, gangues e assassinatos, isso reflete os diferentes modos de divulgação das duas artes marciais.

### 3. Os “pit boys” e atletas de jiu-jitsu

Após uma análise do processo histórico de divulgação e implantação do jiu-jitsu no Brasil, não podemos deixar de discutir o surgimento destes dois tipos diferentes de praticantes de jiu-jitsu na sociedade contemporânea. Os “pit boys” e os atletas muitas das vezes convivem no mesmo espaço da academia, mas nem por isso compartilham das mesmas idéias e atitudes. É fundamental entender estes dois tipos de praticantes.

O livro: **Comunidade: a busca da segurança no mundo** de Zigmunt Bauman discute como os indivíduos na sociedade contemporânea, que sofre com vários problemas ligados ao mundo moderno, buscam sua segurança em grupos e comunidades, abrindo mão das suas liberdades.

É fundamental entender como são formadas estas comunidades de lutadores, para uma análise dos diferentes agentes sociais dentro das academias e o que eles representam tanto dentro da academia como fora das mesmas.

As Comunidades são formadas pelo *entendimento natura*, compartilhado por todos os seus membros que permanecem unidos mesmo com todos os fatores que os separam. Os indivíduos e suas comunidades se diferenciam pela “distinção”, que é a divisão entre “nós” e “eles”, entre *quem é* e *quem não é*, não havendo problemas nem motivos para enganos. Podemos perceber que nas academias de jiu-jitsu há a formação de duas comunidades dentro do mesmo espaço.

A comunidade dos atletas se diferencia bastante da comunidade dos “pit boys”, mesmo compartilhando o mesmo espaço (tatame) e os mesmos ensinamentos dos mestres e professores, justamente pelo comportamento dentro e fora da academia.

Os atletas são os praticantes diários que se dedicam integralmente ou grande parte do dia nos treinamentos de jiu-jitsu e preparação física nas academias de musculação, visando se preparar melhor as competições. Grande parte não faz uso de drogas de nenhuma espécie e vivem em função dos treinos e competições de jiu-jitsu, tendo como maior adversário a falta de apoio e patrocínio das empresas e do Estado. Eles formam as comunidades de atletas e lutadores de campeonatos que compartilham sentimentos de dor, cansaço nos treinos, satisfação com a superação de adversários, orgulho em ver seus companheiros de treino ganharem, desafios de outros atletas e principalmente a valorização da vitória nos campeonatos.

Como diz Bauman:

[...] numa verdadeira comunidade não há motivação para a reflexão, a crítica ou a experimentação; mas apressar-se-ia a explicar que isso acontece porque a comunidade é fiel à sua natureza (ou a seu modelo ideal) apenas na medida em que ela é distinta de outros agrupamentos humanos [...].<sup>50</sup>

Não diferente é a comunidade dos atletas e lutadores, pois os sentimentos por eles compartilhados não são cabíveis de uma reflexão crítica, é um entendimento intuitivo e natural.

Mas não podemos deixar de lado a distinção entre as comunidades dos atletas e dos “pit boys”, pois estes além de compartilharem diferentes sentimentos e valores dos atletas, não toleram as diferentes comunidades dentro da sociedade contemporânea.

Os “pit boys” formaram uma comunidade na qual eles compartilham sentimentos e atitudes que trazem problemas para o bem estar da sociedade e acabaram se transformando em novos agentes da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. Essa comunidade será discutida abaixo.

De acordo com a pesquisa de Fátima Cecchetto a partir do ano de 1999 as brigas, agressões, quebra-quebras em boates, ataques a mulheres e homossexuais, por homens brancos de classe média moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, tornaram-se constantes nas paginas policiais e ganharam espaço na mídia. Como podemos ver na

---

<sup>50</sup> BAUMAN, Zygmund. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 17

classificação das matérias do Jornal *Folha de São Paulo* acima, foi a partir do ano de 1997 que surgiram as primeiras matérias sobre as brigas envolvendo praticantes de jiu-jitsu.

Surgiram no Rio de Janeiro novos agentes, os ditos “pit boys”, como mais um elemento envolvido na violência urbana, tendo como pano de fundo uma arte marcial. Para Cecchetto o “pit boy” é:

[...] um tipo de lutador de jiu-jitsu que age em bando, exibindo a brutalidade, não segue a filosofia da “Sun tzu: a arte da guerra” à risca, tampouco adota como filosofia administrar o conflito e suas raízes.<sup>51</sup>

Após analisar várias matérias do *Jornal do Brasil* e jornal *O Globo*, a pesquisadora observou no conteúdo das matérias: A necessidade da adoção de medidas disciplinadoras para os “pit boys”, que divertiam agredindo e brigando nas casas noturnas da Zona Sul do Rio de Janeiro, somado ao consumo de drogas e bebidas alcoólicas; A atribuição, de uma psicanalista e uma psicóloga, [...] *de tais comportamentos à emergência de valores máximos do individualismo, como a busca do sucesso a qualquer preço e a falta de compromisso social dos rapazes de classe média.* A impunidade destes novos agentes da violência urbana; Associação da violência com o jiu-jitsu pela mídia; As atitudes do Ministério Público, através do secretário de Segurança Pública Josias Quintal e secretário municipal de Esportes Jose Morais Filho.

O que podemos observar nas matérias analisadas é a diferença de atitude de um tipo de praticante de jiu-jitsu, que não segue uma filosofia do esporte, quanto a desconstrução das análises da violência como sendo um indício da exclusão social e da pobreza.

Várias opiniões sobre a violência dos “pit boys” enfatizam que esses novos agentes sempre gostaram de brigas e buscavam o jiu-jitsu para aprimorar-se. Os treinadores e professores de jiu-jitsu usam esse discurso na tentativa de desfazer essa associação da violência dos “pit boys” com o jiu-jitsu. Realmente os “pit boys” podem ter sido atraídos para o jiu-jitsu pela própria mídia, no processo de divulgação do jiu-jitsu, na década de 90 através dos vale-tudo que eram confundidos com brigas.

Acredita-se que estes “pit boys” apareceram na década de 90 nas ruas e praias da Zona Sul, como uma resposta à invasão dos “funqueiros”, moradores do subúrbio. Fazendo uma distinção entre o “pit boy” e o “brigão de rua”.

---

<sup>51</sup> CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilo de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, 164.

Para os professores de jiu-jitsu o problema da violência urbana praticada por estes “pit boys” é resultado do grande número de academias que visam o lucro, encorajam os confrontos, tornam-se abrigos de gangues de jiu-jitsu composta por iniciantes que fazem uso de drogas, utilização do espaço da academia como “ringues” para desafios clandestinos e resolução de rixas internas. Como a Cecchetto aponta, [...] *a academia e os treinadores obtêm prestígio por intermédio do mal-estar criado na mídia pelos feitos de seus alunos.*<sup>52</sup>

A emergência desses novos agentes na sociedade contemporânea mostra que o jiu-jitsu tem se divulgado tanto por atitudes que fazem uma ligação do jiu-jitsu com o esporte, como com atitudes que o associam à violência nas ruas e praias da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Para a Cecchetto, essas práticas de violência e os significados adquiridos pelo corpo forte, mesmo não sendo generalizados, são fortes indicadores da produção desse corpo como modelo hegemônico de masculinidade. Ela faz uma distinção entre o “pit boy”, seriam os iniciantes no jiu-jitsu que fazem uso da violência física, e o “casca-grossa” que é um lutador reconhecido pela superioridade técnica e utilização a mesma somente em competições. Para ela esses dois grupos constroem essa masculinidade justamente para se distinguirem dos *playboys* (ou mauricinho) que representam [...] *simbolicamente modelos de masculinidade periféricas ou subordinadas, insinuando, nesse caso, uma suposta diferença no etos da virilidade e nos meios de violência empregados na interação social.*<sup>53</sup>

De acordo com a autora é a construção do corpo de lutador, (forte, ereto, com músculos hipertrofiados, cabeça raspada e orelhas “quebradas”) que causa medo, e não o jiu-jitsu. Ela acredita que essa construção de um corpo forte e viril é uma tentativa de responder a [...] *uma nova ordem social contemporânea na cidade do Rio de Janeiro, como um território marcado pela violência urbana.*<sup>54</sup> A construção desse corpo acontece a todo custo, pela utilização dos anabolizantes visando a hipermasculinização para a luta e para as brigas. Essa aquisição de um corpo forte, não é a mesma dos fisiculturistas, e visa criar uma estética da boa forma para lutar e brigar; sinais de dedicação aos treinos.

Em seu livro *Violência e estilos de masculinidade*, Fátima Cecchetto faz uma abordagem sociológica desses novos agentes da violência urbana carioca, e busca na construção da masculinidade uma hipótese para tentar justificar o surgimento desses novos agentes.

---

<sup>52</sup> Ibidem, p. 166.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 170.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 171.

Uma análise historiográfica traz uma hipótese diferente para tentar explicar o surgimento desses novos agentes da violência nos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. O jiu-jitsu se divulgou através dos desafios clandestinos em ruas, bares, boates, academias e praias da Zona Sul carioca. Esse fato pode explicar historicamente a associação do jiu-jitsu com a violência praticada por estes “pit boys”, além de ajudar a compreender a persistência dessa associação na mídia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho focalizou a questão da violência urbana e sua relação com o jiu-jitsu na sociedade contemporânea. Buscou compreender como a violência tem afetado tanto a prática como a imagem dessa arte, que é também classificada como esporte, na atualidade.

Após uma análise das matérias publicadas entre os anos de 1994 e 2004, nos arquivos do Jornal *Folha de São Paulo*, podemos observar que algumas matérias reportam a agressões empreendidas; em sua maior parte, por jovem brancos de classe media, entre eles praticantes de jiu-jitsu, que lançam mão da violência física contra diversos membros da sociedade da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, segundo o jornal. A presença dos praticantes de jiu-jitsu foi muitas vezes sublinhada pelo periódico, de maneira a classificar o esporte como violento.

Se por um lado este breve estudo não nos permite ter ainda uma resposta definitiva ou completa sobre os motivos aparentemente inexpressivos que levam os jovens de classe media alta praticarem violência nas cidades, por outro lado esta pesquisa pode apontar algumas relações e hipóteses importantes para entender a questão.

A violência praticada, pelos homens brancos de classe media do Rio de Janeiro e Soa Paulo, contra os indivíduos por motivos aparentemente inexpressivos, pode ser explicada através de um resgate histórico do processo de divulgação do jiu-jitsu em todo o ocidente e principalmente no Brasil. A divulgação foi realizada na maioria das vezes através dos desafios clandestinos em diversos espaços urbanos como: bares, ruas, rodas de capoeira, academias, casas noturnas, etc.

Esses desafios clandestinos e os próprios eventos de vale-tudo, que mostraram que as técnicas de jiu-jitsu são superiores quando se trata de um enfrentamento entre duas pessoas, que certos indivíduos perceberam que essas técnicas poderiam servir para outros fins que não os do esporte.

Tantos as pesquisas realizadas no Rio de Janeiro, pela Alba Zaluar e Fátima Cecchetto, com está nos permite perceber que a violência não advém somente dos indivíduos das camadas mais baixa e pobres da sociedade. Os homens brancos de classe media se tornaram novos agentes da violência urbana nos grandes centros metropolitanos no Brasil.

As preocupações centrais deste trabalho foram sobre a associação entre a prática do jiu-jitsu e certos atos de violência na sociedade contemporânea, além da imagem que o referido esporte tem na mídia e principalmente no imaginário social. Esta associação do jiu-jitsu com a violência é um problema enfrentado pelos atletas, praticantes e principalmente professores da arte marcial, pois é uma barreira a ser vencida para o processo de implantação do jiu-jitsu e profissionalização dos atletas que vivem para o esporte, mas também é uma questão que interessa à sociedade em geral, pois ajuda a entender um dos aspectos ligados à violência contemporânea.

Nesse sentido é possível pensar que, além de todas as questões burocráticas, a falta de uma historiografia sobre o jiu-jitsu e a associação deste com as práticas de violência na sociedade contemporânea servem como barreiras para que o jiu-jitsu venha a se tornar um esporte olímpico. Difere do judô, que não tem uma associação direta com a violência na sociedade em geral, que se divulgou e implantou no Brasil de maneira pacífica, pregando a disciplina, o respeito, a ética e a moral.

O livro **Comunidade: a busca da segurança no mundo** de Zigmunt Bauman foi fundamental para entender como os indivíduos na sociedade contemporânea, que sofre com vários problemas ligados ao mundo moderno, buscam sua segurança na formação de comunidades. Devido ao meu envolvimento com o jiu-jitsu há mais de cinco anos, pude perceber que dentro das academias existem diferentes comunidades e especificamente nas academias de jiu-jitsu tem duas comunidades que compartilham o mesmo espaço, mas não as mesmas idéias e atitudes, são os “pit boys” e os atletas profissionais.

O livro: **Educação Física, raízes européias e Brasil**, de Carmem Soares serviu para entender e compreender o papel das práticas esportivas no séculos XIX, XX como mecanismos de controle e alienação da população e pensar como estas práticas estão sendo utilizadas atualmente na sociedade contemporânea. No caso específico do jiu-jitsu, este tem servido tanto como uma maneira de construção de um homem apto e preparado para o trabalho como para a construção de homem que serve como protetor e segurança da

propriedade privada e dos meios de produção. Contribuindo para a manutenção do sistema capitalista.

O trabalho foi uma forma de analisar o jiu-jitsu na sociedade contemporânea de uma perspectiva histórica e crítica, ficando em aberto diferentes formas de análise e diferentes desdobramentos sobre o assunto. O jiu-jitsu e seu mercado podem ser estudados também a partir de uma análise econômica, a contribuição deste esporte para a sociedade através dos projetos sociais, as constantes disputas entre o jiu-jitsu, capoeira, luta livre e a relação professor / aluno dentro do espaço da academia e fora dela e como esta relação pode interferir na formação dos indivíduos na sociedade contemporânea.

Espero que minha pesquisa possa ser útil para os praticantes, lutadores, professores e mestres de jiu-jitsu como um material que analisa e busca entender o jiu-jitsu na sociedade contemporânea, como sua imagem esta ligada a práticas de violência e como esta associação foi criada pela mídia e pelos próprios praticantes e divulgadores. Além disso, a pesquisa é inédita nas linhas de pesquisa da história e busca contar a trajetória do jiu-jitsu de uma maneira crítica.

É uma arte marcial que não tem muitas obras literárias sobre sua história, sendo assim acredito que este trabalho é uma grande contribuição para não só aos indivíduos que vivem para o jiu-jitsu, vivem do jiu-jitsu e pesquisam sobre a história das artes marciais no Brasil, mas também para aqueles que buscam entender fenômenos como a violência e a formação de grupos identitários na sociedade contemporânea.

## FONTES DOCUMENTAIS

### Jornais e Revistas:

- **Jornal Folha de S. Paulo.** Período de 1994 a 2004;
- **Revista Grace Magazine.** Período de 2004 a 2006;
- **Revista Tatame.** Período de 2004 a 2006.
- **Revista Ippon,** Período de 1997.

### Internet:

- CALLEJA, Carlos Catalano. A história do judô. **Caderno Técnico-didático:** judô. S.l.: a Secretaria. 26 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.judobrasil.com.br/origem.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2006.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JITSU. Disponível em: <<http://www.cbjj.com.br/>>. Acesso em 5 jan. 2006.
- GOVERNO FEDERAL. Ministério dos Esportes. Disponível em: <[http://portal.esporte.gov.br/snear/bolsa\\_atleta/](http://portal.esporte.gov.br/snear/bolsa_atleta/)>. Acesso em 4 jan. 2006. Acesso em 15 jan. 2006.

## REFERÊNCIAS

- ALVIN, Joviano A. Dias. **Judô**: Nague-Wasa. São Paulo. [s.n.], 1975.
- CALLCUT, M. Jansen. **M. Japão**: Império do Sol-Nascente. Madrid: Del Prado, 1997.
- CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- COSTA, Márcia Regina da. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira? **São Paulo em Perspectiva**. Oct./Dec. 1999, vol.13, n.4, p.3-12. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000400002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400002)>.  
Acesso em: 02 jan. 2006.
- FUKI, Luiz. **Jiu-Jitsu Sem Mestre**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 196?.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- REVISTA DE HISTÓRIA: Questões e Debates, Esporte e Sociedade. Curitiba, Ano 20, n 39, 2003, pg. 11 a 40. Editora UFPR.
- RIBEIRO, Paulo Jorge. A era da frustração: melancolia, contra-utopia e violência em *Clube da luta*. **Revista Antropologia**, São Paulo, v. 45 n.1, 2002.
- SANTOS, Benedito N. A. Judô: O caminho suave: todos os golpes para mudança de faixas. Rio de Janeiro, 19--.
- SOARES, Carmem. **Educação Física, Raízes Européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.
- STANLEI, Virgílio. **Conde Koma**: o invencível yodan da história. Campinas/ SP. Editora Átomo, 2002.
- SUGAI, Vera Lucia. **O Caminho do Guerreiro**, (vol. I), São Paulo: Gente, 2000.

VAGO, Tarcisio Mauro. Rumos da Educação Física Escolar: o que foi, o que é, o que poderia ser. In: II ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 1997. Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Departamento de Educação Física e Desportos, 1997.

ZALUAR, Alba. Apresentação. In: CECCHETTO. Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.